

Pós-zapatismo

*Identities e
culturas políticas
juvenis e universitárias
no México*

Com a aparição do Movimento #YoSoy132 em 2012, torna-se evidente a diluição do zapatismo nas identidades políticas juvenis e estudantis no México. A nova geração de ativistas não buscou vincular-se com o Exército Zapatista de Libertação Nacional (EZLN) nem reivindicou explicitamente a cultura política do zapatismo civil e urbano. Ao mesmo tempo, na medida em que o zapatismo anunciou e marcou uma guinada nos formatos da ação coletiva, que posteriormente se generalizaram a céu aberto pelos movimentos altermundialistas, não deixa de haver elementos de continuidade. Ante a ausência de outro referente articulador, o autor sugere a possibilidade de se falar em um cenário «pós-zapatista».

MASSIMO MODONESI

Em meados de 2005, o zapatismo lançou – com a Sexta Declaração da Selva Lacandona – a chamada La Otra Campaña («A Outra Campanha»), através da qual se buscou a expansão do movimento como um ponto de articulação – «a partir de baixo e à esquerda» – das organizações políticas e sociais mais combativas; dessa maneira, diferenciava-se explicitamente do então candidato progressista à Presidência, Andrés Manuel López Obrador,

Massimo Modonesi: historiador e sociólogo. Professor titular da Faculdade de Ciências Políticas e Sociais da Universidad Nacional Autónoma de México (UNAM) e diretor da revista *OSAL - Observatorio Social de América Latina*.

Palavras-chave: #YoSoy132, zapatismo, Andrés Manuel López Obrador, Subcomandante Insurgente Marcos, México.

Nota: Este artigo retoma e reformula várias teses de um texto anterior do autor sobre a mesma problemática, «De la generación zapatista al #YoSoy132. Identidades y culturas políticas juveniles en México» em *OSAL* N° 33, 5/2013. Tradução de Eduardo Szklarz. A versão original deste artigo em espanhol foi publicada em *Nueva Sociedad* N° 251, 5-6/2014, disponível em <www.nuso.org/upload/articulos/4034_1.pdf>.

cuja campanha parecia levá-lo à vitória nas eleições, dado o amplo apoio social conseguido. Mas o fracasso precoce e a dissolução de fato dessa iniciativa – e, com ela, do projeto de expansão e enraizamento do chamado «zapatismo civil» – deixaram um vazio na esquerda mexicana e provocaram a dispersão de uma geração de militantes e simpatizantes surgidos no ciclo expansivo e intensivo do zapatismo entre 1994 – ano da insurreição em Chiapas – e 2001.

O fracasso do projeto de ampliar a influência do zapatismo para outros territórios e setores torna-se mais visível à medida em que, em 2012, a emergência do movimento #YoSoy132 sancionou uma passagem de época e de

**Em 2012, a emergência
do movimento #YoSoy132
sancionou uma
passagem de época e
de geração nas culturas
políticas juvenis ■**

geração nas culturas políticas juvenis. Nessa experiência de mobilização e politização estudantil, desvaneceu-se definitivamente a centralidade do referente zapatista e teve início uma etapa que – além de outras possíveis definições que enfatizem seus traços inovadores – podemos chamar de «pós-zapatista». Embora, como sempre ocorre na articulação entre continuidade e ruptura

de todo processo histórico, alguns princípios e formas inaugurados pelo zapatismo se mantenham e se ampliem, é preciso notar que se diluíram e volatilizaram a identidade e a referência direta ao Exército Zapatista de Libertação Nacional (EZLN), que havia sido uma constante entre 1994 e 2001 e, ainda que de forma menos estendida e profunda, até 2006.

Ao longo das próximas páginas, desagregaremos essa hipótese da crise histórica do zapatismo juvenil e estudantil e seu correlato: o fato de que #YoSoy132 se colocou como divisor de águas entre distintos momentos da história dos movimentos sociais e das culturas políticas antissistêmicas no México. Finalmente, a rápida evaporação de #YoSoy132 deixa em aberto um cenário que, na ausência de outros referentes e de outros pontos de articulação, seria oportuno definir como «pós-zapatista», para assim englobar as três tendências que queremos destacar: o fim da centralidade zapatista, seu prolongamento difuso e a ausência de um novo paradigma.

I. Entre 1994 e 2001 com grande intensidade e amplitude, e até 2006 de forma mais esporádica e laxa, os processos de participação e politização juvenis, estudantis e, em particular, universitários, estiveram marcados pela estrela vermelha zapatista e inspirados pelos comunicados e as palavras do Subcomandante Insurgente Marcos. Desde as primeiras mobilizações posteriores ao

levante de 1994, toda uma geração de estudantes e jovens mexicanos formou-se e forjou-se politicamente no contexto das iniciativas do EZLN ou de ações de solidariedade para com as comunidades zapatistas. Poderíamos chamá-la, a partir da ótica dos movimentos e das culturas políticas antissistêmicas, de «década zapatista», uma década curta ou longa na medida em que consideremos ou não os anos 2001-2005, um período de transição marcado pelo refluxo das lutas e o ensimesmamento do EZLN, que começou a modificar sua relação com o cenário político nacional e sua capacidade e vontade de convocatória e influência social e política. Depois da Marcha da Cor da Terra de 2001, os principais partidos políticos – incluída a maioria do Partido da Revolução Democrática (PRD) – desconhecera os Acordos de San Andrés, que davam forma a uma série de direitos e âmbitos de exercício de autonomia aos povos indígenas. O EZLN deu então por terminada a via do diálogo institucional e, com ela, a abertura rumo à «sociedade civil» e à tática das iniciativas e mobilizações públicas e de alcance midiático. Desse modo, o zapatismo retrocedeu, voltou-se para dentro de si e optou pelo silêncio¹.

Ao longo desses anos, com os altos e baixos próprios das conjunturas, mas com a persistência da sedimentação na cultura política, na juventude urbana e particularmente na universitária, as referências ao EZLN foram constantes e diretas. As formas de ser zapatistas eram variadas, mas todas continham elementos de identidade, estruturadores de culturas políticas que se ramificavam ao redor de um tronco comum. Além do núcleo duro que alguma vez se aglutinou na Frente Zapatista de Libertação Nacional (FZLN) e de agrupações claramente zapatistas e estudantis, como os Jovens em Resistência Alternativa (JRA) e o Coletivo Estudantil Metropolitano (CEM)², também havia grupos que assumiam ou mantinham denominações distintas – sociais, culturais ou políticas; por exemplo, anarquistas, socialistas, comunistas e inclusive perredistas, ou seja, ligados ao Partido da Revolução Democrática (PRD) – para os quais o zapatismo constituía um referente cultural e uma identidade política

1. Os Caracóis e as juntas de bom governo – instituições de autogoverno local na região de Chiapas – serão desde de 2003 as expressões da retirada e de uma laboriosa, mas tendencialmente bem-sucedida, construção da autonomia nos fatos. Antes da reaparição na cena política nacional, com a Sexta Declaração da Selva Lacandona e o início da Outra Campanha, em 2005, somente haverá espaço para uma saída pública, em boa medida, autorreferencial: a campanha «20 e 10, O Fogo e a Palavra», realizada em 2003, que celebrava os dez anos do levante e os 20 da fundação do EZLN.

2. O JRA surgiu em 2001 a partir da fusão de diversos coletivos universitários; o CEM, por sua vez, fortaleceu seu vínculo com o zapatismo a partir da Outra Campanha. No início, a participação juvenil e a primeira aproximação com o EZLN foram protagonizados por estudantes ligados ao Conselho Estudantil Universitário (CEU). Muitos deles eram também próximos ao cardenismo e ao PRD e se distanciaram definitivamente do zapatismo em coincidência com a chegada do PRD ao governo do Distrito Federal em 1997 e com a decisão da FZLN – em sua fundação – de não aceitar a dupla militância.

que podia ser primária ou secundária, mas que raramente estava ausente. Um movimento emblemático da década zapatista foi a greve na Universidad Nacional Autónoma de México (UNAM) de 1999-2000³. Então foi possível apreciar que, mesmo quando apenas alguns grupos de ativistas eram militantes da FZLN, um zapatismo difuso – que era interpretado e vivido de diversas maneiras – permeava todo o movimento, além

O zapatismo voltou a despertar ideais de rebeldia que se somavam e às vezes substituíam os símbolos do esquerdismo revolucionário clássico e contemporâneo ■

do fato de que fossem vários os contatos diretos dos grevistas com o EZLN e em várias ocasiões Marcos tenha assumido posturas ao longo do conflito⁴.

É sabido que, em meio à retirada dos movimentos antissistêmicos e à nova subalternização provocada pelo neoliberalismo, o zapatismo voltou a despertar os imaginários juvenis, tanto o mexicano como o mundial, ideais de rebeldia que se somavam e às vezes substituíam os símbolos do esquerdismo revolucionário clássico e contemporâneo. O radicalismo antissistêmico dos anos 90, que voltou a nutrir a emergência de subjetividades políticas antagonistas, forjadas no conflito e projetadas em horizontes emancipatórios, moldou-se no contexto do zapatismo e adquiriu uma série de características – defesa da horizontalidade, rejeição à tomada do poder, uso intensivo dos meios de comunicação alternativos – cujos ecos, como mencionaremos adiante, continuam ressoando na atualidade.

Nesses anos, nos quais o zapatismo era um substantivo ideológico difuso e um âmbito privilegiado de formação militante, cinco objetivos o acompanhavam, entrecruzando-se e superpondo-se: falava-se tanto de zapatismo *civil* como de zapatismo *urbano, juvenil, estudantil e universitário*. Embora eles não se distinguissem nos discursos que circulavam nos ambientes militantes, podia-se inferir que cada um dos níveis continha o seguinte, e os últimos dois, o *estudantil* e o *universitário*, foram uma expressão particularmente viva e densa

3. Sobre a greve – que começou contra a proposta de introduzir cotas (tarifas) e que resultou em um grande movimento com ressonância nacional –, existem vários textos mas nenhum aborda explicitamente o papel e o lugar do zapatismo. V., por exemplo, Hortensia Moreno e Carlos Amador: *UNAM, la huelga del fin del mundo*, Planeta, México, 1999. María Rosas: *Plebeyas batallas*, Era, México, DF, 2001; José Enrique González Ruiz et al.: *Enseñanzas de la juventud rebelde del movimiento estudiantil popular, 1999-2005*, UACM, México, DF, 2008; e, mais recentemente, AAVV: *Huelga: la rebelión de los paristas*, La Guillotina, México, DF, 2011.

4. Na primeira etapa da greve, os militantes da Frente Zapatista agiram de forma separada; apenas posteriormente, com a convocatória explícita do S.I. Marcos, eles se reagruparam, quando a politização entre os «moderados» e os «ultras» já havia prejudicado as dinâmicas das assembleias, o processo de tomada de decisões e, com isso, a imagem do Conselho Geral da Greve.

do zapatismo como nova cultura política e novo canal de formação e educação militante. Podemos então falar de «geração zapatista» como uma geração inteira de ativistas e militantes que foi forjada no calor das mobilizações convocadas ou inspiradas pelo EZLN e que assumiu, de distintas maneiras, uma forma de ser zapatista.

A nação de «zapatismo civil» circulou amplamente para diferenciar o caráter armado do EZLN das mobilizações pacíficas de seus simpatizantes. A expressão surgiu da boca do próprio S.I. Marcos, que, numa célebre entrevista a Yvon Le Bot em 1997, propôs a ideia do zapatismo como pretexto, indicando que, ao lado do zapatismo armado, surgiam o que chamou de um «zapatismo civil» e um «zapatismo social», além de um «zapatismo internacional»⁵. A distinção entre «armado» e «civil» foi uma fórmula dos primeiros anos nos quais o S.I. Marcos e o EZLN iniciaram o diálogo com a «senhora sociedade civil», assumindo com otimismo o apoio de diversos setores, respeitando esse pluralismo e confiando nas mediações rumo à esfera institucional, em particular no PRD. Por outro lado, a organização interna da FZLN, a expressão mais orgânica do zapatismo civil, estruturou-se em função de «comitês *civis* de diálogo»⁶.

A fórmula «zapatismo urbano», que se usava em ambientes militantes, figura explicitamente em um breve texto de John Holloway em que, por meio da ideia de *ressonância* – tomada de um discurso do S.I. Marcos –, propõe a extensão de uma forma zapatista de fazer política, antitética à do esquerdismo clássico, antipartidária, antivanguardista e contrária à tomada do poder, comunitária e conselhistas, cujo desafio central é «o desafio da autonomia»⁷. Além dos coletivos zapatistas europeus, inspirados pelo autonomismo italiano, não casualmente foi na Argentina rebelde e insurreta dos *piqueteros* e das assembleias de bairros de 19 e 20 de dezembro de 2001 e das fábricas recuperadas onde a irradiação do referente zapatista foi acompanhada por uma reflexão mais profunda sobre o ser zapatista nas selvas metropolitanas⁸.

II. A aparição do movimento #YoSoy132 ao redor das eleições presidenciais de 2012 marca uma ruptura e uma descontinuidade em relação ao passado. O mo-

5. Y. Le Bot: *Subcomandante Marcos: el sueño zapatista*, Plaza y Janés, México, DE, 1997.

6. Ainda em novembro de 2005, no «Comunicado do Comitê Clandestino Revolucionário Indígena sobre a dissolução da FZLN», afirma-se que foi aberta uma nova etapa do zapatismo civil, o que confirma o uso «oficial» dessa denominação.

7. J. Holloway: «Zapatismo Urbano» em *Humboldt Journal of Social Relations* vol. 29 N° 1, 2005, pp. 168-179. Embora não tenha referências explícitas ao zapatismo urbano, v. Tb. J. Holloway, Fernando Matamoros e Sergio Tischler: *Zapatismo. Reflexión teórica y subjetividades emergentes*, BUAP / Herramienta, Buenos Aires, 2008.

8. Uma reflexão emblemática e exemplar sobre o zapatismo urbano pode ser encontrada em Colectivo Situaciones: «El silencio de los caracoles» em *Rebeldía* N° 13, 11/2013.

vimento se origina nos protestos estudantis da Universidad Iberoamericana (uma das mais caras do país) contra a parcialidade informativa dos grandes canais de tv (Grupo Televisa e Televisión Azteca) a favor do postulante do Partido Revolucionário Institucional (PRI), Enrique Peña Nieto. Em 11 de maio daquele ano, vários estudantes receberam o candidato com máscaras do ex-presidente

#YoSoy132 se origina nos protestos estudantis da Universidad Iberoamericana (uma das mais caras do país) contra a parcialidade informativa dos grandes canais de tv ■

Carlos Salinas de Gortari (símbolo da era neoliberal) e bandeiras alusivas à repressão em San Salvador Atenco, ocorrida seis anos antes. Na ocasião, vários estudantes repreenderam a nova cara apresentada pelo PRI (partido que, após deixar em 2000 o poder que ocupou por sete décadas, postulava-se para retornar à Presidência). Os protestos foram filmados com telefones celulares e circularam amplamente nas redes sociais. 131 universitários filmaram um vídeo em que mostravam suas credenciais para refutar a acusação do PRI de que

eram «falsos estudantes» e utilizaram os rótulos (*hashtags*) #yotambiénsoy131 (#eutambémsou131) e #somensmásde131 (#somosmaisque131), até que surgiu #YoSoy132, que sintetizou todos os novos aderentes. Assim foi constituído um enorme movimento social contra os grandes meios de comunicação e o candidato do PRI, que incluiu mobilizações, cerco a alguns canais, campanhas pelo «voto informado», plataformas contra a fraude e outras formas de ação coletiva.

Enquanto isso, a conjuntura eleitoral foi o contexto da parábola rapidamente descendente da Outra Campanha, quando não prosperou a tentativa de federar, sob a liderança do S.I. Marcos, distintas experiências de luta em todo o México. Do mesmo modo que o Congresso Nacional Indígena no mundo *campesindio* (camponês-indígena), A Outra Campanha tentava articular as numerosas expressões de resistência que sustentavam, inspiradas no zapatismo, os mais diversos coletivos urbanos, geral e tendencialmente juvenis e universitários ou nos quais a presença juvenil era significativa. Nesse sentido, a proposta da Sexta Declaração vinha substituir e dar nova base à FZLN – que, de fato, foi dissolvida imediatamente –, numa tentativa de ampliar e consolidar o campo do zapatismo civil, não apenas como braço político do EZLN mas como uma organização com força e impulso próprios – qualidades que a FZLN nunca teve, por decisão do próprio EZLN.

O resultado dessa iniciativa é conhecido. Depois de uma largada promissora, na qual A Outra Campanha conseguiu iniciar um diálogo entre múltiplas

e diversas experiências de luta⁹, o cálculo equivocado e a intempestividade de uma campanha simultânea e declaradamente contraposta à de López Obrador e à coalizão que o apoiava levaram primeiro ao isolamento, depois à marginalidade e, finalmente, à dissolução de praticamente toda forma de zapatismo civil organizado. Embora isso não tenha significado a desapareição de uma herança cultural do zapatismo da qual subsistem referências difusas, em 2006 fecha-se um ciclo histórico. O vazio que A Outra Campanha queria preencher permaneceu desocupado, e o projeto de uma federação que pudessem reverter o caráter grupuscular das esquerdas anticapitalistas mexicanas ficou somente nas palavras da Sexta Declaração da Selva Lacandona.

A emergência do movimento #YoSoy132 pode ser explicada, entre outras coisas, a partir da caracterização da conjuntura de 2012 em comparação com a de 2006. Em 2006, o cenário político estava em ebulição e o campo opositor oferecia duas opções reais de militância – o movimento obradorista e A Outra Campanha zapatista –, que sustentavam e impulsionavam, com apostas estratégicas distintas e com diversos alcances de massas, uma investida antineoliberal em sintonia com os impulsos que, em outras partes da América Latina, haviam conseguido produzir uma mudança de época, modificando substancialmente a correlação de forças a favor do campo popular. A candidatura progressista de López Obrador era o centro de todo o processo. A tal ponto que, desafortunadamente, a própria Outra Campanha se precipitou e, assumindo que já havia ganhado, o declarou prematuramente o inimigo principal. A Outra Campanha também apostou na diferenciação mais à esquerda e tentou a todo custo mostrar as misérias do candidato e de seus aliados antes de se assegurar que as direitas neoliberais e conservadores fossem derrotadas.

Depois veio a fraude eleitoral, e, da suposta vitória progressista que abriria o caminho institucional, com todas suas arestas conservadoras, passou-se à mobilização democrática em defesa do voto. Mas A Outra Campanha, embora reconhecendo a fraude, desqualificou essa mobilização e não quis ver, entre as mediações e os interesses partidários, genuínos processos de indignação popular que se agrupavam seguindo a liderança carismática de López Obrador, além de suas alianças e dos círculos partidários que o rodeavam.

Desde sua agitada posse, o governo de Felipe Calderón, para se entrincheirar em busca da legitimidade perdida, lançou a tristemente famosa «guerra contra o narcotráfico», que não apenas proporcionou ao governo uma plataforma defen-

9. Sobre esse período, v. as atas dos encontros na selva em *Rebeldía* N° 33, 29/7/2005; N° 34, 28/8/2005 e N° 35, 28/9/2005; disponíveis em <<http://revistarebeldia.org/>>.

siva mas também lhe permitiu deslocar totalmente o debate neoliberalismo-antineoliberalismo-pós-neoliberalismo, afogando-o no sangue de uma guerra civil que se constituiu no tema e no problema central e reconfigurou o cenário nacional e a correlação de forças que o define. Nesse contexto de lutas defensivas, não apenas de direitos humanos, mas também socioambientais e laborais¹⁰, e apesar de se manter de pé e inclusive de avançar na organização de seu movimento, López Obrador não conseguiu consolidar-se como uma alternativa que pudesse alcançar a maioria relativa necessária para vencer as eleições. O obradorismo não despertava nem desperta grandes entusiasmos no setor juvenil e universitário, embora existam setores que aderiram e se mantêm ao redor do Movimento de Regeneração Nacional (Morena), a organização que reúne os simpatizantes de López Obrador e que atualmente busca formar um partido político visando as eleições para governadores, deputados e representantes municipais de 2015.

O Movimento pela Paz com Justiça e Dignidade, encabeçado por Javier Sicilia em defesa das vítimas da violência armada, contou no início com uma significativa e entusiasmada participação juvenil e universitária, mas tampouco logrou ser uma alternativa para ativar e politizar uma geração que, ao contrário da geração do Conselho Estudantil Universitário e do cardenismo entre 1986 e 1988 e a do zapatismo e das greves da UNAM, não havia vivido experiências próprias ou que sentisse como tais. Já desde 2001, após a Marcha da Cor da Terra e sobretudo pelo contra-golpe de ânimo da agri-doce greve da UNAM de 1999-2000, a militância e a participação dos jovens universitários haviam diminuído.

O #YoSoy132 apresentou-se como um acontecimento espetacular e se legitimou como politicamente correto por ser juvenil, espontâneo, desinteressado pelo poder, com um toque educado, de classe média e apartidário ■

Portanto, o movimento #YoSoy132 nasceu inserindo-se nesse impasse histórico e no vazio de identidades e referentes políticos.

III. O #YoSoy132 apresentou-se repentinamente como um acontecimento espetacular inserido em uma conjuntura crucial, e se legitimou e se mostrou como politicamente correto por ser juvenil, espontâneo, desinteressado pelo

10. V. os balanços dos anos 2010 e 2011 em M. Modonesi, Lucio Oliver, Fernando Munguía Galeana e Mariana López de la Vega: «Balance de la conflictualidad en México en 2010» em OSAL N° 29, 5/2011 e M. Modonesi, L. Oliver, F. Munguía e M. López: «México 2011: violencia y resistencia» em OSAL N° 31, 5/2012.

poder, com um toque educado, de classe média e, mais ainda, partidário e em uma república partidocrática em pleno processo eleitoral. Além disso, colocou as redes sociais no centro de sua dinâmica e sua capacidade de convocatória e foi imediatamente associado a uma série de movimentos recentes («primavera árabe», indignados espanhóis, *Occupy Wall Street*), o que o posicionou no ápice de uma onda mundial¹¹.

Em outro artigo, sintetizamos a trajetória do movimento #YoSoy132 e esboçamos alguns elementos para sua caracterização¹²; nesta oportunidade, centramos a atenção em um aspecto específico: o #YoSoy132 como manifestação do fim de ciclo da geração zapatista e como início de uma etapa pós-zapatista de mobilização e politização juvenil e universitária.

De fato, um fechamento de época, como qualquer corte histórico, pode ser reconhecido e apreciado plenamente apenas a partir da abertura de outro processo, evidenciando a descontinuidade sem perder de vista a continuidade. A etapa inaugurada pelo movimento #YoSoy132 supera, incorpora e volatiliza a experiência do zapatismo universitário. As noções de *volatilização* ou *sublimação* – emprestadas da química – são as que melhor expressam a passagem da identidade zapatista de uma forma concreta e sólida a uma evanescente, gasosa e difusa. Esgrimirei brevemente, a modo de demonstração, duas teses contrapostas que articulam a ideia anterior. A primeira é que o #YoSoy132 não é zapatista; a segunda é que, de alguma maneira, secundariamente, é de fato.

O #YoSoy132 não foi zapatista na medida em que não há uma filiação, uma herança nem uma referência direta ao EZLN nem ao zapatismo em geral. Sem dúvida, existiu simpatia e profundo respeito pelas comunidades autônomas em território zapatista e se considerava que o movimento era parte importante das resistências atualmente em curso no México. Tampouco foi negada a relevância do levante de 1994 nem a importância do EZLN em escala nacional e internacional como um acontecimento fundamental da história dos movimentos antissistêmicos após a queda do Muro de Berlim. Ao mesmo tempo, justamente nesse tipo de reconhecimentos, nota-se que uma das dimensões relevantes da irrupção do zapatismo – suas versões civil, urbana e juvenil – não tem continuidade histórica direta nem aparece no cenário em que o #YoSoy132 circula e pensa.

11. Uma contribuição importante sobre esse aspecto é o livro coordenado por Gloria Muñoz e Desinformémonos: *#YoSoy132. Voces del movimiento* (Bola de Cristal, México, DF, 2011), que tem a virtude de deixar que os protagonistas falem, por meio de entrevistas muito interessantes e reveladoras, como o diálogo com Luis Hernández Navarro e Adolfo Gilly.

12. Luz Estrello e M. Modonesi: «El #YoSoy132 y las elecciones en México. Instantáneas de una imposición anunciada y del movimiento que la desafió» em *OSAL* N° 32, 11/2012.

Nos documentos elaborados pelo #YoSoy132 não aparecem, de fato, rastros de um vínculo real nem ideal forte com o EZLN. Confirmam essa distância, que parece ser mais histórica que política, a percepção e a imagem dos zapatistas que se transluzem nas entrevistas realizadas por Gloria Muñoz e a equipe de Desinformémonos – que provêm da Outra Campanha e continuam ligados a ela – em que os estudantes mencionam apenas uma vez os zapatistas em relação às lutas autônomas, juntamente com Cherán e Ostula – movimentos de organização de polícias comunitárias em zonas indígenas –¹³ e a única alusão à Outra Campanha é sua inclusão na lista de grupos potencialmente próximos, ao lado de grupos anarquistas, socialistas e comunistas¹⁴. Essas menções enumeram lutas próximas e possíveis aliados, ou seja, marcam uma proximidade mas estabelecem uma distância, uma diferença. O #YoSoy132 não é nem se define como zapatista; reconhece e respeita o EZLN – que visualiza como um movimento indígena e comunitário e como uma referência histórica –, mas nem sequer o coloca hierarquicamente no topo de uma lista de aliados naturais ou de exemplos de luta.

Tampouco nas reuniões e assembleias posteriores aos comunicados do EZLN em janeiro e fevereiro de 2013, onde o próprio Marcos aludiu de forma positiva e elogiosa em um *post-scriptum* ao movimento #YoSoy132 e posteriormente voltou a mencioná-lo em outro texto, intitulado «Ellos y nosotros» («Eles e nós»)¹⁵, notou-se certa guinada que implicaria um reconhecimento ou uma

Assistimos, portanto, a um redimensionamento do zapatismo que reflete sua redução à dimensão indígena comunitária e sua retirada dos vastos âmbitos urbanos, e particularmente estudantis ■

aproximação maior com o zapatismo ou um interesse na anunciada reativação da Outra Campanha, agora sob o nome de La Sexta.

Assistimos, portanto, a um redimensionamento do zapatismo que reflete sua redução à dimensão indígena comunitária e sua retirada dos vastos âmbitos urbanos, e particularmente estudantis, onde no passado estava firmemente assentado. Por outro lado – e este é um ponto central de nossa argumentação –, os integrantes do #YoSoy132 não reconheceram a existência, no México atual, de um zapatismo

13. G. Muñoz e Desinformémonos: op. cit., p. 140.

14. Ibid., p. 159.

15. «Apagando el fuego con gasolina (posdatas a la carta gráfica)» em *Enlace zapatista*, <<http://enlacezapatista.ezln.org.mx/2013/01/12/apagando-el-fuego-con-gasolina-posdatas-a-la-carta-grafica/>>, 11/1/2013.

juvenil, urbano e civil, já que este desapareceu ou se reduziu a expressões mínimas, politicamente imperceptíveis, sem aparente capacidade expansiva nem de renovação geracional.

Na fisionomia múltipla e pluralista do #YoSoy132, não apareceu uma vertente explícita ou declaradamente zapatista. Em um interessante exercício analítico sobre a configuração interna do movimento, César Enrique Pineda – que, sem dúvida, vem de uma longa trajetória de militância no zapatismo urbano e juvenil, como fundador e dirigente da JRA – distingue oito posições políticas, entre elas a liberal-progressista, a obradorista, os grupos de orientação socialista revolucionária, os «indignados» e outras mais¹⁶. O autor assinala corretamente que, «embora no ambiente seja percebida uma ampla simpatia pelos povos indígenas e suas lutas, o certo é que as posições autonomistas e libertárias são reduzidas ou minoritárias» e não influem na orientação do movimento, o que se contrasta com o passado recente. A maioria dos jovens do #YoSoy132 parece aderir, de fato, a essa macroidentidade que há alguns anos se define como «indignados», um conjunto variado de expressões de resistência e protesto frente ao atual estado das sociedades capitalistas contemporâneas, sem referentes ideológicos nem organizacionais claros, às vezes contraditórias e em geral desconfiadas diante de toda mediação política ou liderança¹⁷.

Por outro lado, o mesmo autor, que inclusive foi ativista do movimento, formula uma crítica ao extremo horizontalismo e assembleísmo, não apenas pela vertiginosa rotação dos porta-vozes, mas por um pluralismo radical assumido por um arquipélago de grupos e correntes, nenhum deles capaz de se tornar hegemônico nem de propor alianças estáveis nessa direção. De fato, a fragmentação interna foi e continua sendo vício e virtude do #YoSoy132. A autonomia das assembleias permitiu operar com liberdade, mostrando um dinamismo impressionante que teria sido freado pela construção de consenso e unanimidade¹⁸; mas, ao mesmo tempo, como afirma Pineda, isso se transformou em «descoordenada polifonia da pluralidade de assembleias» e «pulverização da mensagem pública».

16. C.E. Pineda: «#YoSoy132: corte de cajá» em *Rebelión*, <www.rebelion.org/noticia.php?id=157285>, 8/10/2012.

17. Por outro lado, Pineda enfatiza que, nos momentos culminantes do #YoSoy132, este setor amplo e difuso superestimou o papel das redes sociais e a midiaticização do movimento.

18. Diga-se de passagem, esses são legados da cultura política zapatista, extraídos das práticas comunitárias que serviram para democratizar as formas de organização política nos anos 90, mas que também mostraram muitos limites ao se trasladar a outros âmbitos.

Nesse contexto podem ser entendidos os enfrentamentos de 1º de dezembro de 2012, por ocasião da posse do presidente Peña Nieto, nos quais, além da desmentida repressão policial e das evidentes provocações dos infiltrados, houve um relativamente inédito transbordamento de violência por parte de alguns grupos de estudantes. Para além da explícita militância anarquista de alguns, outros simplesmente manifestaram sua raiva e indignação por meio da confrontação com a polícia, além da destruição e do saque de algumas lojas. Nesse episódio, notou-se claramente a falta de coordenação e contenção política dentro do movimento, e a espontaneidade que costuma ser virtuosa também deu lugar a atos censuráveis e contraproducentes.

No passado recente, isso não costumava acontecer ou era contido e limitado à sua mínima expressão. No campo da politização juvenil e estudantil, a dissolução do referente zapatista e a falta de presença da esquerda institucional não são compensadas por uma difusão da cultura política e a disciplina da qual são portadores os pequenos grupos da esquerda revolucionária, que aproveitaram o vazio mas não puderam ocupar um espaço tão amplo. O protagonismo e a visibilidade dos grupos anarquistas ou de setores anarquizantes são o reflexo desse vazio e da perda de horizontes políticos, e não uma

Os códigos de comportamento político estão em plena reconfiguração e redefinição, e algumas tendências começam a ser percebidas ■

tendência ou uma guinada de época como sugere, por exemplo, Richard Day, que teoriza e exalta a ascensão do anarquismo naqueles que chama de «novos-novos movimentos sociais»¹⁹.

Assim, os códigos de comportamento político estão em plena reconfiguração e redefinição, e algumas tendências começam a ser percebidas. Elas parecem apontar para uma

diáspora na qual podem proliferar, em meio a muitas manifestações criativas, várias derivas, entre as quais estão os excessos de violência nas ruas e um déficit de coordenação política.

IV. O diagnóstico da desapareção ou da diluição da identidade e da cultura política zapatista juvenil e universitária remete à ausência de formas explícitas e organizadas, embora, ao mesmo tempo, seja preciso matizar o argumento, na medida em que reconhecer a volatilização desse zapatismo não implica

19. R.J.F. Day: *Gramsci è morto. Dall'egemonia all'affinità*, Eleuthera, Milão, 2008.

afirmar sua simples desapareição, e sim propor uma sorte de disseminação de seu legado histórico, que abre a possibilidade de traduzi-lo e prolongá-lo sob outras formas e denominações.

De fato, na difusão de formas que o EZLN inaugurou e das quais foi pioneiro, no #YoSoy132 aparecem expressões zapatistas não nominais nem identitárias, ressonâncias que evocam o zapatismo sem remeter a ele explicitamente.

O #YoSoy132 foi parte de um processo mundial, de um ciclo de movimentos inaugurado simbolicamente pelo próprio levante de Chiapas em 1994, com sua capacidade de irradiação simbólica, e pela criação de uma estreita rede de apoio, que passou pelo altermundialismo e continua, em tempos mais recentes, com os chamados «indignados» em diversas partes do globo.

Nesse sentido, podemos afirmar que o #YoSoy132 foi zapatista sem sê-lo, na medida em que respondeu a um padrão gestado como tentativa de superação de formas históricas dos movimentos sociopolíticos do século xx. Podemos dizer, de forma sintética, que se trata de uma influência difusa de certas figuras introduzidas pelo zapatismo – por exemplo, em referência ao poder, à democracia e à horizontalidade – que tende a repolitizar os chamados «novos movimentos sociais» pós-68; reativar o antagonismo na contra-corrente da subalternidade plantada e colhida pelo neoliberalismo; agregar alcance e projeção antissistêmica e global às demandas identitárias e culturais; combinar reivindicações materiais e pós-materialistas; alçar a mira da crítica social; assumir a globalização como marco político e inovar nas formas discursivas e organizativas, superando os moldes clássicos das esquerdas mundiais e recorrendo a modalidades horizontais e inclusivas, exaltando a espontaneidade, a criatividade e o pluralismo. A esse marco geral, que abarca os últimos 20 anos de forma esporádica mas recorrente e tendencialmente crescente, é preciso agregar a novidade da internet e da difusão de formas de comunicação horizontais, das quais o zapatismo foi pioneiro, e das redes sociais nos últimos anos.

Sem a pretensão de dar conta dessas transformações ocorridas e em andamento no terreno das formas de ação coletiva, e em particular dos movimentos sociais, que são e serão objeto de um vasto debate político e acadêmico, é preciso reconhecer que o #YoSoy132 fez parte desse amplo processo, em continuidade mais do que em ruptura com relação ao zapatismo.

E, para endossar a tese da prolongação, deve-se ressaltar que tanto os limites como os alcances do movimento #YoSoy132 podem ser lidos dessa maneira,

ou seja, valorizando ou mostrando as contradições próprias da forma *multidão*, para usar esta fórmula polêmica que evoca o autonomismo, uma das traduções teóricas mais acabadas do zapatismo urbano. Por exemplo, a vertiginosa rotação dos porta-vozes, a exaltação do midiático e o superdimensionamento da capacidade de convocatória através das redes sociais. Ou, para citar outro exemplo, a capacidade de convocatória ampla e transversal, embora conjuntural, que acompanha o caráter apartidário do movimento, que lhe confere um valor ético vinculado à explícita negação da vontade de ocupar espaços e âmbitos do poder institucional.

Embora tenhamos dito anteriormente que não se encontravam, nos documentos elaborados pelo #YoSoy132, referências textuais ou explícitas ao zapatismo, ao mesmo tempo são notáveis as evocações e ressonâncias literárias. Em seu documento mais elaborado e conhecido, apresentado em 26 de julho de 2012, em um dos atos mais relevantes do movimento, o chamado «cerco ao canal Televisa» e intitulado «Pela democratização dos meios de comunicação», podem ser observadas inflexões literárias de inequívoca inspiração zapatista.

Quando chegamos, estava o mundo e éramos um povo com fome e com séculos de opressão. Éramos acúmulo de descontentamento, éramos fraudes eleitorais sem revolução, éramos Chiapas e 500 anos sem nome levantados em armas, éramos Águas Brancas e o povo na terra assassinado, éramos crises e dívidas alheias, mãos sem trabalho, éramos greve, barricadas esmagadas, Atenco e Oaxaca, mulheres violadas e assassinadas, vítimas da repressão. Éramos trabalho de escravos, famílias de migrantes, infância carbonizada, corpos pendurados em pontes, vítimas do terrorismo de Estado, moeda de troca em uma campanha, assassinato como livre mercado. Éramos silêncio, éramos dor, éramos opressão. Quiseram tirar tudo de nós e só perdemos o medo. Já não seremos mais uma voz silenciada. Viemos aqui com nossos corpos que gritam. Basta!!!²⁰

V. Da segunda metade de 2012 até o presente momento, em 2014, foi-se evaporando a articulação alcançada com o movimento #YoSoy132, cujas energia e criatividade se diluíram em manifestações sempre tingidas de raiva e frustração e sempre alvos da repressão e da criminalização.

Ao mesmo tempo, a proposta do EZLN de convocar a Escuelita Zapatista (Escolinha Zapatista), à qual compareceram centenas de jovens mexicanos e de outras nacionalidades, tornou possível vislumbrar a reconstrução de uma corrente explicitamente zapatista no âmbito urbano. Entretanto, desde o título do

20. #YoSoy132: «Discurso íntegro por Cerco de 24 hrs a Televisa», disponível em <codigotlaxcala.com/especiales/yosoy132-discurso-integro-por-cerco-de-24-hrs-a-televis/pdf>.

extenso comunicado que anunciou em 2013 a iniciativa da Escuelita, «Eles e nós», percebe-se uma retirada identitária e se desenha uma linha de demarcação que torna particularmente restritivo o «nós» e muito amplo o «eles»²¹. De modo que, à margem do indiscutível êxito dessa iniciativa, que voltou a tornar visíveis a solidez e as conquistas da autonomia indígena, teremos que ver quais e quantos jovens mexicanos não apenas serão solidários com as comunidades zapatistas, mas que encontrarão ali – seja militando organicamente ou acompanhando com maior ou menor aproximação – um canal e uma trilha para projetar suas visões alternativas do mundo e seus esforços para mudá-lo.

De todo modo, a possível reaparição do zapatismo urbano, juvenil e estudantil não pode reverter o fato consumado do fim do ciclo histórico de sua centralidade e só eventualmente poderá contrastar as tendências do atual cenário pós-zapatista, onde se observa a ausência de referentes e catalisadores políticos e a presença de um número estável de grupos e coletivos militantes de filiação ideológica muito diversa, de um lado, e uma massa importante de jovens dispostos a formas de participação esporádicas e inorgânicas, ligadas a conjunturas e convocatórias específicas, de outro.

Enquanto isso, as classes subalternas mexicanas se dedicam cotidianamente a lutas sociais e políticas marcadas por seu caráter defensivo, o antagonismo de eventuais surtos locais de rebelião e a busca desesperada por âmbitos parciais e relativos de autonomia, como trincheiras de organização e autodeterminação a partir das quais tenta-se enfrentar uma clara e flagrante ofensiva das classes dominantes.

Nesse contexto, com a lembrança do movimento #YoSoy132 e esperando uma nova conjuntura crítica, uma nova oportunidade de ser protagonista, a geração pós-zapatista está vivendo suas árduas experiências de politização. ☒

21. O texto contém partes acessíveis somente através de uma senha que foi distribuída às pessoas consideradas de confiança, o que reforça as fronteiras do «nós». Com relação à amplitude do «eles», a ênfase crítica – como em 2006 – foi claramente dirigida ao campo progressista (intelectuais incluídos e particularmente insultados) e, especialmente, a seu principal dirigente, López Obrador, e seu partido, Morena. («Ellos y nosotros. 1.- Las (sin) razones de arriba», janeiro 2013, <<http://enlacezapatista.ezln.org.mx/2013/01/20/ellos-y-nosotros-i-las-sin-razones-de-arriba/>>).